

A ESPERANÇA DE PANDORA

Érika Lourenço

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora*. São Paulo: EDUSC, 2001.

Professor do Center for the Study of Innovation da School of Mines – Paris, Bruno Latour é um dos sociólogos que, na atualidade, dedicam-se ao estudo das ciências. Depois de *Jamais fomos modernos* e *A vida de laboratório*, este último em co-autoria com Steve Woolgar, *A esperança de Pandora* confirma a tendência do autor a provocar polêmica com o tipo de análise que faz dos estudos científicos.

Publicada originalmente em inglês no ano de 1999 e traduzida para o português em 2001, a obra *A esperança de Pandora* trata, de maneira peculiar e inovadora, da realidade dos estudos científicos e da relação entre estes estudos e os fatos sociais. Para expor seu pensamento, o autor se vale tanto da argumentação de autores clássicos como Platão, Heidegger, Kant e James, quanto também da

apresentação de exemplos de como alguns cientistas ou grupos de cientistas chegaram às suas proposições sobre diferentes aspectos da realidade. Dos mais variados, indo da questão das interfaces entre floresta e savana no território de Roraima – Brasil, até os estudos de Pasteur e os primeiros estudos realizados por Joliot acerca da fissão nuclear, os exemplos usados por Latour facilitam a compreensão de suas argumentações filosóficas.

A presente obra tem início com uma pergunta considerada pelo próprio autor como bastante estranha: “Você acredita na realidade?”. Dirigida a Latour por um psicólogo brasileiro em um congresso sobre ciência que se realizou em Teresópolis, a pergunta fez com que, através de suas reflexões, abrisse o que chama de “caixa preta” dos fatos

científicos. Essa caixa seria semelhante à Caixa de Pandora: uma vez aberta, deixaria escapar para o mundo uma série de pragas. No fundo da caixa, já quase vazia depois de aberta, estaria a esperança. As pragas são associadas às visões (muitas das quais, filosóficas) equivocadas sobre o processo de produção do conhecimento científico. A esperança, objetivo que dá nome ao livro, seria apresentar uma nova maneira de compreender os estudos científicos.

Ao longo dos nove capítulos que compõem o livro, Latour apresenta as principais questões que compõem o campo da filosofia da ciência e, argumentando contra cada uma delas, vai abrindo o caminho para a compreensão do que considera a “esperança”. As primeiras reflexões do autor giram em torno de um tema caríssimo à filosofia: como o homem apreende o mundo. Para apresentar seu ponto de vista, faz uma breve discussão sobre o que chama de história intelectual da relação entre homem (mente humana) e realidade. Em seu percurso passa por Descartes, que considera uma mente que contempla o mundo de dentro para fora; pelos empiristas, que reduzem o mundo a estímulos sensoriais que bombardeiam o cérebro; pelo construtivismo de Kant, segundo o qual a mente constrói por si mesma, através de seus *a priori*, formas

e histórias sobre o mundo; e pelas visões mais recentes, que substituem a mente de Kant pela sociedade, depositando nela a capacidade de talhar a realidade que é apreendida pelo homem. É através do conceito de referência circulante que Latour explica essa relação homem – mundo. A referência circulante explica a forma pela qual os homens, e entre eles, os cientistas, condicionam o mundo em palavras, fazem a passagem da coisa para o signo. É através de uma cadeia que é feita a ligação da mente com o objeto, cadeia esta que é construída por meio de uma série de relações e convenções e que tem como característica básica a reversibilidade, ou seja, a possibilidade de se retornar dos últimos elos aos primeiros. Assim, os fenômenos podem ser definidos como aquilo que circula entre as formas da mente e as coisas, ao longo de uma cadeia reversível de transformações, nas quais são, ora perdidas, ora ganhas propriedades. Segundo as palavras do próprio autor: “Conhecer não é apenas explorar, mas conseguir refazer os próprios passos, seguindo a trilha demarcada” (p.91).

Uma vez desvelada a sua proposta de como o homem (sempre também o cientista) consegue seu acesso à realidade, o autor dá seqüência às suas reflexões sobre os estudos científicos. Seu alvo agora é a relação entre disciplina científica e

realidade. Referindo-se à relação existente entre os estudos científicos e a realidade, desconstrói duas noções: a noção de uma ciência isolada da sociedade e a noção de que os estudos científicos buscam oferecer uma explicação "social" da ciência. Opõe-se assim, tanto às análises internalistas, quanto às análises externalistas da ciência. Não pode conceber uma ciência que salta para fora do discurso e da sociedade para ter acesso às coisas, assim como também não pode conceber que são apenas as coisas que determinam o caminho da ciência.

O conceito de referência circulante é retomado para explicar que a ciência é o resultado do acúmulo progressivo de mediações. Estas podem se dar de forma contínua ou podem sofrer descontinuidade, mas ambas fazem parte da história da ciência. Aqui, quando o autor considera, além da continuidade no acúmulo de mediações tão importante como as descontinuidades, pode-se ver subtendido o conceito de simetria, segundo o qual se propõe a analisar a produção dos fatos científicos em sua obra *A vida de laboratório*. A simetria estaria exatamente no fato de considerar igualmente relevantes para a ciência tanto as descobertas e proposições que se puderam comprovar, como aquelas que se mostraram enganosas (Latour e Woolgar, 1997). Latour acrescenta ainda

à noção de referência circulante, um conjunto de elementos dos mais heterogêneos que estão direta e igualmente relacionados com a produção dos estudos científicos. Incluindo fatores políticos e tecnológicos, alguns destes elementos destacados pelo autor são: os instrumentos; a autonomização, que implica o apoio dos colegas da comunidade científica; os aliados, que financiarão as pesquisas; a representação pública do conhecimento que está sendo produzido; e, finalmente, os vínculos e nós que amarram o conhecimento e o explicitam. Fica clara assim a consideração de que a produção científica é também uma produção social, não se dá isoladamente nos laboratórios, mas acontece em relação direta com os mais diversos fatos sociais e políticos, influenciando-os e sendo por eles influenciada.

Outra reflexão importante de Latour na sua obra diz respeito à historicidade das coisas. Considera que os fatos que são investigados e/ou descobertos pelos cientistas devem ser considerados como tendo uma *existência relativa*, uma vez que a ciência não tem como objetivo documentar os caminhos de uma substância preexistente ao longo do tempo, mas sim as modificações nos componentes das cadeias de articulações criadas pelos cientistas em torno dessa

substância. Desse modo, não somente os homens estão imbuídos de uma historicidade, mas também o estão as coisas que são objetos das investigações científicas.

Esvaziada a caixa de visões distorcidas acerca da produção dos fatos científicos, a esperança estaria na abolição do se considerar que não há uma guerra entre ontologia e epistemologia, na não separação entre a área das humanidades e a das ciências naturais, no rompimento do acordo modernista, segundo o qual a ciência lida com a realidade exterior e tem o objetivo político de, através da razão, não permitir que a massa tome o poder. A dicotomia sujeito-objeto não deve ser eliminada, mas vista de outro ponto de vista, o da articulação de significados, através da qual se constrói o conhecimento científico.

Trata-se, em síntese, de uma nova maneira de encarar o trabalho da ciência e a relação do cientista com o seu objeto de pesquisa, o que abre novos caminhos para a compreensão da história de todas as ciências. Embora com conteúdo tão primoroso, a tradução peca pela forma: são vários os erros tipográficos que aparecem ao longo do texto, indicando uma revisão descuidada e, às vezes, dificultando a compreensão do texto.